

Brasil é responsável por 38% do comércio mundial de soja

O Brasil produziu cerca de 51 milhões de toneladas de soja na safra 2004/2005, das quais cerca de 22,4 milhões de toneladas, equivalentes a 43% do total, destinaram-se à exportação, o que coloca o país como segundo colocado no *ranking* mundial de comércio do produto, participando com 38% desse mercado – pelos dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Para 2006/2007, as expectativas são de que o Brasil exporte 23 milhões de toneladas, superando os Estados Unidos, atual pri-

meiro colocado no *ranking* internacional, que deve exportar 22,5 milhões de toneladas, segundo projeções divulgadas pela assessoria de gestão estratégica do Mapa. O “complexo soja” – grão, farelo e óleo – lidera a lista de produtos agropecuários exportados, injetando diretamente cerca de US\$ 10 bilhões anuais na economia nacional, pelos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Apesar desses bons resultados, ainda há espaço para que a participação bra-

sileira seja incrementada, em volume de soja negociado com o exterior. Segundo Renato Sayeg, consultor e diretor da Tetras Corretoras, para que isso ocorra, é necessário ampliar as vendas para mercados já consolidados. “O foco deve estar voltado para os grandes importadores da soja brasileira, em especial a China e a União Européia”, avalia. Juntos, esses mercados absorvem 50% das exportações do país. Com uma população de 1,3 bilhões de habitantes, a China compra 30% da soja brasileira exportada, para

produzir essencialmente óleo vegetal e farelo para ração animal. Segundo a Administração Geral da Alfândega chinesa, em 2005, o país aumentou as compras do grão em 31%, atingindo 26,6 milhões de toneladas.

Para Sayeg – apesar da possibilidade de o incremento dos estoques chineses gerar uma eventual diminuição em suas necessidades de compra – seria possível ao Brasil aumentar em 6% suas exportações à China em 2006, o que representaria um incremento de mais 1,5 milhão de toneladas (US\$ 27 milhões), que em 2005. “Temos que crescer nos nossos grandes mercados. A China tem potencial, porque aumentou o seu PIB em 9,8%, no ano passado”, ele observa. O crescimento da economia chinesa tem chamado a atenção do Brasil, mas também de seus concorrentes: os Estados Unidos, maior produtor e exportador de soja do mundo, com uma produção de 85 milhões de toneladas por ano, e Argentina, terceira colocada no *ranking* mundial, produzindo 31 milhões de toneladas anuais, segundo dados de 2004 da FAO (Food and Agriculture Organization).


Para nos tornarmos mais competitivos, é necessário que sejam criados mecanismos que reduzam drasticamente o chamado “custo Brasil”, incluindo investimentos, por exemplo, no escoamento da produção. Sayeg compara o custo do escoamento (da lavoura ao porto) brasileiro com o da Argentina: enquanto o sojicultor argentino gasta aproximadamente US\$ 2,00 por tonelada de soja, o brasileiro desembolsa US\$ 5,00, pelo mesmo volume. A avaliação de que temos condições para superar a produção e a exportação norte-americana pressupõe investimentos maciços em infra-estrutura. “O mercado mundial da soja não é como o da carne, que têm instrumentos no setor produtivo e exportador para estimular o comércio exterior. Para a soja, a ampliação do mercado tem mais a ver com custos estruturais e com a volatilidade do mercado externo. Não está

apenas ao alcance do setor produtivo”, completa Sayeg (veja p. 75).

Para Luiz Lourenço, presidente da Cocamar Cooperativa Agroindustrial, com sede em Maringá, PR, os subsídios agrícolas fornecidos aos sojicultores estrangeiros pelos governos de seus países (principalmente aos norte-americanos) também contribuem para desestimular mais investimentos em produção, no Brasil. “Se acabassem esses subsídios, o mercado brasileiro seria mais favorável. A soja, por ser uma cultura de ciclo rápido, é um excelente negócio”, ele avalia. Seguindo essa direção, os países presentes à reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), realizada em dezembro de 2005, em Hong Kong – entre eles Estados Unidos, Brasil e Argentina –, selaram um acordo que objetiva a derubada dos subsídios governamentais pagos aos agricultores, até o ano de 2013.

Em maio de 2004, a soja brasileira sofreu um duro golpe, quando o governo chinês impôs um embargo à sua importação, alegando falhas sanitárias. O prejuízo estimado foi de US\$ 1 bilhão, com redução de 20% na comercialização do grão. Após um mês de discussões, os países entraram em acordo, normalizando o comércio nesse setor. O episódio mostra, porém, que as exigências e restrições fitossanitárias para a importação de produtos agroindustriais estão cada vez mais rígidas. Daí a necessidade de a tecnologia estar sempre presente nas lavouras.

“A pesquisa exerce papel fundamental, suprimindo o sistema produtivo, de forma que possa atender às novas reivindicações da sociedade global”, afirma o agrônomo Dario Minoru Hiromoto, superintendente da Fundação Mato Grosso, que defende o uso de todas as ferramentas disponíveis – do melhoramento genético às tecnologias de gestão do processo produtivo –, para que a soja brasileira alcance a maior qualidade possível. “Sempre necessitaremos de tecnologias mais eficientes para manejo e

controle de doenças, pragas e plantas daninhas dos campos, seja associando tecnologia transgênica, seja melhorando a gestão”, ele afirma (veja na p. 78). Hiromoto chama de “nova ordem global” o desafio de “harmonizar as gestões produtivas, econômicas e qualitativas” às gestões sócio-ambientais. Essa nova ordem global deve ir além do sucesso econômico de cada atividade, buscando atender às necessidades de melhoria de qualidade de vida, no ciclo que compõe a cadeia produtiva. É preciso enxergar além da terra”, ele observa. 

DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE SOJA, POR SUBPRODUTO, 2004/2005 (EM MIL US\$)

SOJA TRITURADA	
China	1.621.736
Holanda	952.412
Alemanha	498.239
Espanha	418.310
Total	5.394.907
FARINHA DE SOJA	
Nova Zelândia	45
Camarões	11
Maurício	9
Uruguai	6
Total	73
ÓLEOS DE SOJA	
China	493.383
Irã	332.565
Índia	141.756
Bangladesh	51.088
Total	1.382.094
PELLETS DE SOJA	
Holanda	907.774
França	667.513
Alemanha	245.959
Irã	153.272

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Ampliação de fronteiras da soja depende de maior demanda

A soja brasileira gera a maior receita produtiva da agropecuária nacional – cerca de R\$ 28,8 bilhões para a safra 2005/2006, que deverá ser de 57 milhões de toneladas do grão, segundo estimativas do IBGE. Além disso, é a cultura do país com maior demanda por máquinas, equipamentos, fertilizantes e defensivos agrícolas. Apesar de ter atingido esse patamar invejável, a soja não tem apresentado nos últimos anos um crescimento tão vertiginoso quanto na virada dos anos 80 para os 90. Em 2005, cresceu 3% com relação ao ano de 2004 e, em 2006, essa taxa deverá ter pequeno incremento, ainda pelos dados do IBGE.

Agentes da sojicultura discutem hoje as soluções mais adequadas para se incrementar o setor. Blairo Maggi, governador do Mato Grosso – Estado líder em produção de soja no Brasil (veja quadro abaixo) – acredita que o país tem condição de se tornar o maior fornecedor de soja do mundo, mas para isso necessita incrementar a demanda pelo produto. “A ampliação da fronteira agrícola está vinculada às demandas de mercado, pois não vamos produzir nenhum quilo a mais de soja, milho, café, açúcar ou carne do que o mercado pode absorver”, ele afirma. Para o governador mato-grossense, o Brasil pode sim tomar a frente dos Estados Unidos em soja, utilizando menos de 5% das terras agricultáveis do país: “Se temos terras e clima próprios e alguém querendo comprar, por que não plantar? A vocação brasileira é o agronegócio, que responde por 40% do nosso PIB e por grande parte do superávit comercial. É uma atividade geradora de riqueza, distribuidora de renda e que precisa ser preservada”, argumenta.

Para os agricultores, porém, a expansão do cultivo de soja está diretamente relacionada aos preços de remuneração para o produto, que no momento não são os melhores. “Vivemos um período de cotações em baixa, resultado principalmente dos elevados estoques internacionais e da acentuada queda do dólar, frente ao real. Nesse cenário, não há como se falar em expansão das fronteiras da soja, pois o agricultor não está animado”, acrescenta Luiz Lourenço, presidente do Conselho de Administração da Cocamar Cooperativa Agroindustrial.

Com preços melhores para o produto, os ânimos certamente tenderiam a mudar, e Lourenço concorda que, ao contrário de nossos principais concorrentes (Estados Unidos e Argentina), o Brasil dispõe de boas extensões de terras prontas para receber a cultura de soja, casos do noroeste do Paraná, sul do Mato Grosso do Sul e oeste de São Paulo, somando cerca de 7 milhões de hectares cultiváveis. Os esforços, portanto, deveriam estar concentrados na aquisição de novos mercados no exterior. “O consumo de soja no mundo, nos últimos 20 anos, tem crescido em média 5% ao ano. Isso significa que necessitamos

anualmente de 5 milhões de toneladas a mais para suprir todo o mercado internacional, o que só acontecerá com o melhoramento da produtividade das lavouras ou com a incorporação de novas áreas de terras ao plantio”, afirma Lourenço.

Outro entrave para a ampliação do cultivo da soja brasileira é a falta de políticas públicas voltadas ao setor e os baixos investimentos em infra-estrutura, fatores que impossibilitam que o país aproveite uma “oportunidade histórica de gerar um crescimento econômico em níveis dos atingidos pelos tigres asiáticos”, destaca Blairo Maggi. Ele reivindica dos governos investimentos urgentes em estradas, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos, considerando que os elevados custos gerados pelo processo de escoamento da soja, da lavoura aos portos, têm minado a competitividade do sojicultor brasileiro. Conjuntamente, o governador do Mato Grosso defende ainda a redução dos juros e da carga tributária no país. “Os juros altos sufocam o setor produtivo, estão tornando a dívida pública interna impagável e promovendo uma brutal transferência de renda do setor produtivo para o setor financeiro, nacional e internacional”, ele alerta. ☺

PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO BRASIL

COLOCAÇÃO	REGIÃO E PRINCIPAIS UFS PRODUTORAS, EM ORDEM CRESCENTE	SAFRA 2004/2005(MIL t)
1º	Centro-oeste (MT, MS, GO, DF)	28.379,1
2º	Sul (PR, SR, RS)	12.744,0
3º	Sudeste (MG, SP)	4.609,1
4º	Nordeste (MA, PI, BA)	3.953,1
5º	Norte (RR, RO, AC, AM, AP, PA, TO)	1.404,8

Fonte: Conab (www.conab.gov.br)

Para sojicultores, setor não promove desmatamento

Em levantamento apresentado em 2003, o secretário de Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente (MMA) Gilney Viana previa que 1,1 milhão de hectares de florestas seriam desmatadas naquele ano, em virtude da expansão de atividades agropecuárias. O cultivo de soja representaria 69% desse total, seguido pelo de milho e pelo de arroz. Na época, o secretário afirmou que a atividade agropecuária era um dos grandes responsáveis pelo desmatamento da Amazônia. Representantes da sojicultura brasileira afirmam, no entanto, que não há relação entre a derrubada de florestas naturais, especialmente na Floresta Amazônica, e a expansão das fronteiras agrícolas da soja.

Luiz Lourenço, presidente da Cocamar, afirma que os danos ambientais estão mais ligados ao desgaste do solo do que ao desmatamento de florestas. “Antes, a agricultura estava muito relacionada ao processo de erosão, ao uso de máquinas pesadas que compactavam o solo, ao cultivo em solo desprotegido e ao uso intensivo de defensivos”, ele afirma, ponderando que o avanço tecnológico




ACERVO FUNDAÇÃO MT

Lavoura de soja tendo ao fundo área de reserva florestal; MT, 2005

do setor minimizou o problema. “Tivemos uma grande mudança nesse processo”, assegura.

Para o governador do Mato Grosso Blairo Maggi, esse é um debate político que envolve interesses internacionais: “Não podemos nos acovardar diante de interesses inconfessáveis dos nossos concorrentes. O governo brasileiro não pode ficar sem reação diante de campanhas internacionais que denigram nossa imagem. A rigor, as terras da Floresta Amazônica não se prestam para a atividade agrícola”, argumenta. Maggi ga-

rante que a cultura da soja tende a migrar para áreas de terras planas, com bom regime de chuvas e adequada infraestrutura de escoamento. Portanto, a Floresta Amazônica, o semi-árido nordestino, o Pantanal Mato-grossense e regiões montanhosas não se enquadram no perfil. “Toda soja plantada no Brasil, abrangendo em torno de 23 milhões de hectares, ocupa uma área de 2,75% do território brasileiro. Todavia, a mídia nacional e internacional passa a impressão que ela se alastra como erva daninha”, ele compara. 

Óleo de soja, do antibiótico à gasolina

A partir do farelo da soja utilizado na alimentação animal, obtém-se o óleo cru e, a partir dele, são produzidos o óleo refinado e a lecitina do grão. Abaixo, temos uma relação dos principais usos desses subprodutos:

ÓLEO REFINADO		LECITINA DE SOJA	
Uso comestível	Uso técnico	Uso comestível	Uso técnico
Antibióticos	Desinfetantes	Produtos medicinais	Cosméticos
Óleo de cozinha	Massa para vidraçaria	Produção de doces	Fabricação de álcool
Margarina	Isolamento elétrico	Fabricação de margarina	Produção de metais em pó
Farmacêuticos	Cimento à prova d'água	Produtos de padaria	Fabricação de tintas
Produtos medicinais	Sabão	Farmacêuticos	Têxteis
Temperos	Plastificadores	Chocolates	Produção de gasolina
Gordura vegetal	Inseticidas	Gorduras	Pigmentos

Fonte: Embrapa Soja

Ferrugem asiática é principal desafio

O clima tropical brasileiro foi a primeira grande dificuldade que o cultivo de soja enfrentou para se firmar no país. O empenho das entidades de pesquisa ligadas ao setor, em particular do pioneiro Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), possibilitou que as barreiras climáticas fossem superadas. O desafio hoje é o combate aos danos causados pelas pragas que afligem a sojicultura, entre elas a ferrugem asiática, que gera prejuízos anuais de U\$ 2 milhões à cadeia produtiva da soja no Brasil — segundo estimativas da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Desse total, 60% são perdas diretas nas lavouras; o restante está relacionado aos custos para controle da doença que, apenas na safra 2004/2005 ocasionou perda de 4,5 milhões de toneladas de soja.

“A aparição da ferrugem tem exigido inovações emergenciais nos programas de melhoramento genético, tendo em vista o desconhecimento das raças predominantes desse fungo”, aponta Nelson Braga, pesquisador do IAC. Para ele, as pesquisas devem englobar, além dos mecanismos de defesa das plantas, as relações entre o sistema produtivo e fatores climáticos, que podem atuar, em conjunto, na propagação dos agentes causadores. A obtenção de resultados efetivos no combate à praga exige tempo e disponibilidade de recursos. Braga adverte que as recentes restrições orçamentárias do setor público acarretaram lentidão no ritmo das pesquisas e atrasos no alcance de suas metas. “A interação entre as instituições tem sido buscada como alternativa para atenuar esses cortes orçamentários”, ele observa.

Muitas entidades da iniciativa pública e privada se engajaram em estudos


objetivando o desenvolvimento da soja brasileira, entre elas a FT Sementes, as multinacionais Monsoy, Pioneer, Syngenta e Nidera, a Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec) e as fundações Mato Grosso, Triângulo e Centro Tecnológico para Pesquisas Agropecuárias. “No ano passado, foi estabelecido um consórcio entre diversas empresas, lideradas pela Embrapa, visando a atacar, em várias frentes, a ferrugem asiática — da mitigação no curto prazo, por meio de medidas preventivas e curativas, até a genômica avançada, com a meta de detectar genes exógenos e alcançar variedades de maior resistência”, relata o agrônomo Ivo Marcos Carraro, diretor executivo da Coodetec.

Carraro acredita que essa “força-tarefa” de combate à ferrugem asiática da soja deveria incluir ainda as associações de agricultores, que investiriam em pesquisas, utilizando recursos obtidos da produção. “Se não houver um esforço de toda a cadeia, pagaremos caro para conviver com a doença. A ferrugem é um fungo que sofre modificações genéticas e vai definindo raças novas, mais virulentas e agressivas”, ele adverte. Até o momento, as pesquisas já identificaram quatro genes responsáveis pela resistência da soja ao fungo, mas que não têm sido suficientes para conter o avanço de suas mutações. “Serão gastos muitos milhões de reais em estudos, até que se encontre uma solução genética definitiva. Esse montante, porém, será infinitamente menor do que aquele que o agricultor gastará em fungicidas e em reduções de produção, nos próximos anos”, avalia Carraro.

Na opinião de Manoel Miranda, pesquisador do IAC, o Poder Público abdicou do pioneirismo nas pesquisas em

soja, com a expectativa de que a iniciativa privada elevasse por si mesma a competitividade do grão brasileiro e a eficiência dos sistemas produtivos. “Isso realmente aconteceu, mas não com a desenvoltura esperada e somente para alguns produtos de maior interesse para o agronegócio, como a soja, o milho, o algodão e as hortaliças”, analisa. Para Miranda, o risco maior é que todo o setor se torne dependente de tecnologias voltadas exclusivamente à produção extensiva. “Há necessidade de conscientização dos principais interessados, ou seja, os agricultores, de que a falência dos órgãos de pesquisa oficiais pode levar a prejuízos econômicos e ambientais”, ele afirma.

LINHA DE CRÉDITO

Devido ao quadro emergencial instaurado pela crise da ferrugem asiática, o Conselho Deliberativo do Fundo do Centro-oeste, Condel/FCO, órgão do Ministério da Integração Nacional, aprovou, em dezembro de 2005, a liberação de uma linha de financiamentos de R\$ 200 milhões aos sojicultores brasileiros. Desse total, R\$ 58 milhões serão destinados aos produtores mato-grossenses, para os quais a incidência da praga causa maiores prejuízos. Agências do Banco do Brasil estão prontas para operar a linha emergencial, desde 2 de janeiro. Além disso, para controlar incidências de pragas diversas em lavouras de soja, trigo e girassol, a Embrapa Soja — com sede em Londrina, PR — mantém um sistema de alerta online, que pode ser acessado pelo link (www.cnpso.embrapa.br/alerta). Nesse *site*, o agricultor obtém informações e mantém-se atualizado sobre o *status* das principais doenças em todo o Brasil. 


Soja é epicentro da “guerra” dos transgênicos

O debate sobre o uso de organismos transgênicos (geneticamente modificados) nas principais culturas agrícolas intensificou-se nos últimos anos. Segundo o Serviço Internacional para a Aquisição em Agrobiotecnologia, o Brasil já é o terceiro maior produtor de alimentos transgênicos do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina. A sojicultura – por ser o segmento mais rentável do agronegócio brasileiro – não poderia deixar de ocupar o

centro dessa polêmica. Um dos últimos episódios desse embate envolveu os óleos de cozinha Soya, produzido pela Bunge, e Liza, da Cargill, duas marcas líderes do setor. A organização não-governamental Greenpeace produziu dossiê denunciando que os produtos contêm soja transgênica, informação que não está presente em seus respectivos rótulos.

A entidade reivindica o cumprimento do Decreto de Rotulagem n. 4.680/2003,

em vigor desde abril de 2004, determinando que todos os produtos fabricados com mais de 1% de transgênicos tragam a informação ao consumidor. O documento foi entregue, no final de 2005, ao Ministério da Justiça e ao Congresso Nacional. No início deste ano, a deputada federal Kátia Abreu (PFL/TO) apresentou projeto de lei que pretende legalizar no Brasil o uso da tecnologia *terminator* – técnica de restrição de uso, que manipula geneticamente as sementes, para que fiquem estéreis. O projeto sofreu crítica do próprio Ministério do Meio Ambiente, que protestou, alegando que a medida pode gerar dependência econômica e poluição genética.

“Existe uma guerra ideológica que não permite os avanços que a sociedade necessita. O que tem de haver é um bom serviço de regulação de biossegurança para definir, com clareza e sem generalizações, quais eventos são seguros, quais merecem estudos mais profundos e quais devem ser excluídos”, avalia o agrônomo Ivo Marcos Carraro, da Coodec. Nelson Braga, do IAC, ressalta que as preocupações com a qualidade ambiental são válidas e “merecem respeito”. “A lógica de mercado não pode prevalecer sobre a preservação da humanidade, de maneira saudável. O mercado não pode pressionar pela liberação de produtos desconhecidos, em nome do lucro”. Mas ele acrescenta que o debate “não pode se contaminar com posições preconceituosas e infundadas”, avaliando que a transgenia deve ser objeto de interesse dos órgãos de pesquisa, de forma a se discriminar, de modo responsável e isento, “os produtos que são convenientes e outros que não são”. 

FOLHA IMAGEM



Soja geneticamente transformada em laboratório da Embrapa Cenagen; Brasília, DF, 2004



ACERVO FUNDAÇÃO MT

Área experimental de programa de melhoramento genético; MT, 2005

O grão oriental que floresceu nas Américas

Originária da China, a soja firmou-se como uma das culturas de maior relevância econômica das Américas do Norte e do Sul – predominantemente nos Estados Unidos, Brasil e Argentina. No Brasil, sua história é curta e seu crescimento exponencial. Introduzida em fins do século XIX, na Bahia, apenas em 1941 apareceria pela primeira vez nas estatísticas agrícolas oficiais, ocupando 640 hectares, com produção de 450 toneladas do grão. Apesar disso, num processo de rápida expansão, já na primeira metade da década de 50, sua área plantada atingia

47.500 hectares no país, com uma safra de mais de 60.000 toneladas.

O real interesse econômico pela soja foi despertado no final da década de 60, quando, no Sul do Brasil, a cultura se tornou uma alternativa para cultivo, durante o verão, na entressafra do trigo. Assim, estimulada pela crescente demanda do seu farelo para ração de suínos e aves, a produção brasileira saltou, em 1966, para 500 mil toneladas. Além disso, os produtores brasileiros passaram a gozar os melhores preços praticados no mercado mundial, uma vez que a nossa colheita

ocorre justamente na entressafra da norte-americana, ou seja, quando ocorre certa escassez do grão no mercado.

Em 1970, agricultores e Poder Público passaram a investir em tecnologia, para adaptar a cultura às condições tropicais, levando as lavouras para o Norte do país. “Em todos os seus detalhes – inoculação, plantio direto, manejo integrado de pragas, resistência a doenças, organização da produção de sementes, demanda crescente por proteína e óleo no mercado mundial – a evolução da tecnologia de produção contribui sobremaneira

para a expansão da cultura no país”, aponta Francisco de Jesus Vernetti, agrônomo da Embrapa Clima Temperado, de Pelotas, RS. O impacto da “tropicalização” da soja foi sentido a partir do final da década de 80, quando o mercado global assistiu à queda do preço do produto, devido ao aumento da oferta. O Brasil, desse modo, aproveitou o incremento de sua produção e a crescente demanda internacional para torna-se o segundo maior exportador mundial do grão.

BERÇO ORIENTAL


A conquista do território brasileiro é uma pequena parte da história da soja. O berço do grão é o Leste e o Norte da China, onde teria sido domesticada entre os séculos XV e XI a.C. Ao redor do século I d.C, chegou às Regiões Central e Sul desse país e à Coreia. “Juntamente com o trigo, o arroz, a cevada e o milho, a soja foi considerada um dos cinco grãos sagrados, essenciais à civilização oriental, semeados anualmente pelos imperadores chineses durante um grande cerimonial”, conta Francisco Vernetti.

A soja hoje cultivada difere muito de suas ancestrais, que eram plantas rasteiras, de caule fino, trepadeiras, selvagens, com sementes de cor preta ferruginosa e muito pequenas — chegando a pesar 30 vezes menos do que as espécies comercializadas atualmente. Até o século XVI, permaneceu restrita ao Oriente, em países como Japão, Indonésia, Filipinas, Vietnã, Tailândia, Malásia, Myanmar, Nepal e Norte da Índia. Embora vários alimentos tenham sido desenvolvidos a partir do grão, os mais significativos são o *shoyu* (molho de soja), o misô (espécie de patê) e o tofu (queijo).

No final do século XVI e durante o XVII, os europeus passaram a visitar frequentemente o Oriente e observaram os diversos usos culinários da planta. Então, apenas pelo exotismo, introduziram a cultura no Velho Mundo, em jardins botânicos da Inglaterra, França e Alemanha. Na América do Norte, a sojicultura

foi introduzida em 1765, em Savannah, Georgia. Apenas em meados do século XIX, atingiu o *corn belt* de Illinois, espalhando-se então pelos demais Estados agrícolas norte-americanos.

Até 1895, a produção comercial de soja esteve limitada à China. Francisco Vernetti relata que, a partir da primeira década do século XX, empresas japonesas passaram a enviar carregamentos de soja para a Inglaterra, onde o grão foi considerado excelente fonte de óleo para a produção de sabão e farelo para rações. As exportações aumentaram rapidamente, alcançando Alemanha, Dinamarca e Holanda.

A 2ª Guerra Mundial representou um marco importante para a expansão da soja, pois o abalo que provocou na produção de alimentos e nos mercados europeus acarretou num substancial aumento da produção do grão pelos Estados Unidos. A indústria norte-americana de processamento de soja, que surgiu nos anos 20, cresceu consideravelmente com as necessidades instauradas pela guerra. “Frente ao aumento de demanda por proteína barata, óleo e farelo para alimentação animal, os Estados Unidos tomaram a frente e se tornaram desde então os maiores produtores mundiais de soja do mundo”, registra Vernetti. 

Da China ao mundo, e de volta

ENTRE OS SÉCULOS XV E XI A.C.

domesticação da soja no Leste e Norte da China;

ENTRE OS SÉCULOS I E XVI

migrações expandem cultura até Norte da Índia;

ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII

plantas chegam na Europa, cultivadas como curiosidade em jardins botânicos da Inglaterra, França e Alemanha;

SÉCULO XVIII

soja chega aos Estados Unidos, em Savannah, Georgia, em 1765;

SÉCULO XIX

- Em 1851, a soja passa a ser cultivada no *corn belt* de Illinois;
- Em 1882, o grão é introduzido no Brasil por Gustavo D’Utra, na Bahia. No país, o cultivo é economicamente inexpressivo, até meados do século XX.

SÉCULO XX

- Entre 1939 e 1945, a demanda gerada pela 2ª Guerra Mundial torna os Estados Unidos o maior produtor e exportador de soja;
- Entre 1960 e 1970, pesquisadores brasileiros “tropicalizam” grão, expandindo o cultivo para o Norte do país.
- Entre 1980 e 1990, o Brasil aumenta a produção e assume a vice-liderança das exportações.

HOJE

O Brasil é o principal fornecedor de soja à China, berço do grão, maior importador mundial do produto.